

A estranha paranóia

RICHARD SEVERO

Um psicólogo da Universidade de Stanford afirma que muitas pessoas de mais idade, que são classificadas como "paranóicas" — gente com sentimentos de perseguição ou de grandeza —, apresentam esses sintomas porque vêm perdendo a audição lentamente e não se dão conta disso.

Philip Zimbardo, psicólogo e professor, induziu em alguns jovens sintomas de paranóia, semelhantes aos apresentados pelas pessoas mais velhas, a fim de, com essa experiência, demonstrar o papel latente da perda de audição, distinto da influência da velhice.

Para conseguir seu intento, Zimbardo deixou alguns universitários surdos parcial e temporariamente, por meio da hipnose, e não lhes disse nada do que tinha acontecido.

Essa pesquisa foi realizada no início deste ano, em Stanford, sob a direção de Zimbardo e com o auxílio de Susan Anderson, do Departamento de Psicologia da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, e de Loren Kabat, estudante de Medicina no Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Nova York, em Stony Brook.

Como resultado de seu trabalho, Zimbardo está convencido de que muitas pessoas parcialmente surdas e que parecem sofrer de "distúrbios mentais", que são vagamente atribuídos a problemas de velhice, como o endurecimento das artérias, poderiam melhorar muito se os motivos de suas dificuldades auditivas fossem totalmente compreendidos.

Numa entrevista, Zimbardo disse que pessoas de qualquer idade, que são parcialmente surdas e não sabem disso, correm o risco de sofrer de distúrbios paranóicos.

A paranóia pode desenvolver-se porque as pessoas "não têm consciência da percepção distorcida da realidade", ele disse. O problema se agrava à medida que o tempo passa, porque a vítima tenta elaborar meios de dar sentido às suas distorções.

"É um dos distúrbios mais difíceis de se tratar. Quanto mais paranóico o doente fica, mais lógico ele se torna para lidar com os seus problemas", afirmou o autor da pesquisa.

Uma característica do paranóico é tentar projetar o problema no exterior. As pessoas que o rodeiam têm dificuldades para reconhecer a situação, porque o paranóico é capaz de explicar suas visões da realidade em termos muito lúcidos, explica Zimbardo.

Os pormenores da experiência de Zimbardo foram publicados numa recente edição do jornal da Associação Americana para o Progresso da Ciência.

Testes com voluntários submetidos à hipnose

Participaram do estudo 18 estudantes, que estiveram sob hipnose apenas por meia hora. Cada voluntário foi testado primeiro para se ter certeza de que era "altamente hipnotizável" e não seria capaz de recordar a experiência em si depois que a sessão de hipnose tivesse terminado. O estudo durou vários meses.

Os estudantes foram submetidos ao Inventário Multifásico da Personalidade de Minnesota — um teste psicoló-

gico padrão — e classificados como "normais". Nenhum mostrou sinais de paranóia.

Os estudantes foram divididos em três grupos de seis. A verdadeira razão da experiência não lhes foi dita, mas eles foram levados a acreditar que estavam sendo submetidos a uma experiência para avaliar o papel da hipnose na solução do problema criativo.

Determinou-se que o primeiro grupo sofreria uma certa surdez por um curto período de tempo, mas não saberia disso.

Ao segundo grupo de seis estudantes — o grupo de controle — foi dito que poderiam ter algum problema de surdez, embora fosse enfatizado que esse não seria o ponto principal da experiência.

Para o terceiro grupo, também de controle, a surdez não foi mencionada, para avaliar se o processo normal de hipnose poderia irritá-los ou afetá-los de alguma forma inesperada. Só lhes foi dito que, passada a hipnose, eles teriam uma coceira na orelha, que logo desapareceria.

Pesquisador tem planos para ampliar seus estudos

Depois de hipnotizados, os estudantes escutaram uma música "profundamente relaxante", através de fones de ouvido. Receberam, então, instruções para escolher uma de três alternativas. As indicações foram dadas em código e em fita e, assim, os pesquisadores não tinham idéia de quais indicações foram dadas para cada pessoa.

Os estudantes começaram a executar as tarefas quando receberam um sinal pós-hipnótico — a palavra "foco" apareceu numa tela.

Os pesquisadores tiveram a ajuda de quatro colaboradores, não hipnotizados, a fim de ocultar ainda mais o verdadeiro propósito da experiência. Estes colaboradores reforçaram a noção de que todos os estudantes hipnotizados estavam colaborando numa experiência para a "solução do problema criativo". Os estudantes se convenceram de que os colaboradores estavam hipnotizados como eles.

Os colaboradores estabeleceram rapidamente sua estreita ligação anterior, mencionando uma festa a que estiveram presentes. Esse tipo de afinidade, que se presta à noção de que amigos são, de fato, conspiradores, é apontado por Zimbardo como um importante fator de influência no desenvolvimento da paranóia. Assim como os pesquisadores, os colaboradores não tinham idéia de como os estudantes poderiam comportar-se.

Mas, rapidamente, os estudantes programados para perder a audição parcialmente tornaram-se nitidamente "mais irritados, agitados, hostis e descorteses". Os colaboradores os consideraram assim, o que foi comprovado por técnicas normais de medição da personalidade, que os classificaram como paranóicos.

Zimbardo, que é conhecido, entre outros trabalhos, por um vasto estudo sobre a loucura, disse que planejava tornar a pesquisa da paranóia o seu principal objetivo. "Quero compreender o processo totalmente e por que pessoas que são normais em outros aspectos podem sentir-se casos patológicos", ele afirmou.

dos surdos